



IDeIAS

Informação sobre Desenvolvimento, Instituições e Análise Social

Estratégias individuais de sobrevivência de mendigos na cidade de Maputo: Engenhosidade ou perpetuação da pobreza?

Emílio Dava

Introdução

Segundo dados oficiais produzidos pelo inquérito aos agregados familiares (IAF) de 2003, 54% da população em Moçambique ainda se encontra abaixo da linha da pobreza absoluta. O discurso político actual, tanto do Presidente da República como de outros membros do governo central e das administrações locais, concentra-se em mobilizar os cidadãos pobres para encontrarem soluções criativas para o problema da pobreza. Comumente, a pobreza é atribuída à falta de iniciativa, criatividade, espírito empreendedor e engenhosidade dos pobres por estes não saberem usar os recursos e outras condições disponíveis em seu benefício. Será, no entanto, possível e adequado discutir engenhosidade e criatividade individuais independentemente das condições, ambiente, oportunidades, desafios e tensões económicos e sociais de que as pessoas são parte? Será que todas as formas de engenhosidade e criatividade individuais conduzem à redução da pobreza e da dependência e à dignificação das pessoas? O foco deste IDeIAS é contribuir para a discussão destes pontos com referência à situação dos mendigos e vendedores informais que pululam na cidade de Maputo.

Engenhosidade individual

Embora fortemente contestados por um número crescente de grupos sociais e estudiosos, e seguramente questionáveis quanto à sua eficácia social, o teor, o foco de incidência e as metas das grandes estratégias de combate à pobreza (por exemplo, o

PARPA e os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio) são geralmente tornados públicas e conhecidos. No entanto, não muito bem estudadas, documentadas, publicadas e talvez por isso, também pouco conhecidas, são as estratégias individuais de combate à pobreza ou simplesmente de sobrevivência quotidiana.

Na área urbana de cidade de Maputo, tem aumentado o número de mendigos e de "informais" em quase todos os principais focos de aglomeração de pessoas de rendimento médio ou alto, com particular destaque para os que se localizam em locais de concentração de actividade comercial e de afluência de turistas estrangeiros. Cruzamentos e semáforos, onde as viaturas e pessoas são obrigadas a parar, são locais predilectos para pedintes e vendedores. O fenómeno não é novo, mas novos são a intensidade e as formas peculiares que nos últimos tempos têm sido usadas nestas actividades. As estratégias são realmente impressionantes do ponto de vista de criatividade; mas são chocantes na óptica da ética e decência humana, focando-se no apelo à sensibilidade, compaixão humana e empatia para o alcance dos seus objectivos.

Os exemplos mais comuns das novas práticas de mendigos são:

- Mulheres (jovens e idosas) usam bebês ou crianças (que nem sempre são seus filhos) para apelarem à sensibilidade das pessoas e com isso, obterem preferencialmente apoio financeiro;
- Algumas pessoas encenam

doenças, ferimentos, deficiências ou outras formas de vitimização (por exemplo, envolvendo partes do seu corpo com ligaduras), "provando", assim, que não podem gerar o seu próprio rendimento por outra forma que não seja a esmola. Alguns indivíduos simulam que têm uma doença muito grave, mas não têm dinheiro para tratamento pelo que precisam de apoio;

- Em muitas esquinas e semáforos, o principal "negócio" é "chocar" as pessoas com deficiências (de nascença ou criadas por acidentes) para atrair a sua simpatia e, por consequência, uma dádiva em dinheiro. Num certo sentido, nestes casos ser portador de deficiência tornou-se numa vantagem pois é uma via através da qual mendigos conseguem atrair algum rendimento.

- O mesmo acontece com idade: ser idoso ou ser criança ficou uma "oportunidade" para apelar à simpatia e obter uma esmola. Há crianças que circulam pela cidade dizendo que foram assaltadas e perderam os livros escolares, o lanche e o dinheiro do "chapa". Nos períodos das matrículas escolares, os cruzamentos com semáforos enchem-se de crianças pedindo dinheiro para as matrículas, livros e fardamento escolar. Em alguns cruzamentos, ao fim do dia, concentrações de idosos e idosas pedem simpatia e uma esmola para as suas "causas" específicas: a refeição da noite, o transporte de regresso a casa ou a visita ao hospital.

- Algumas pessoas fixam-se em paragens de autocarros ou nas suas proximidades simulando não terem o montante em dinheiro para transporte

até um local distante. Pedem selectivamente a pessoas que pareçam ingénuas e com meios para lhes darem o dinheiro em falta. Todavia, quando conseguem o dinheiro “em falta” continuam a pedir ao maior número possível de pessoas.

- Outras pessoas pedem dinheiro argumentando que lhes faltam apenas 2, 5 ou 10 meticais para tirar fotocópias ou autenticar um documento importante, geralmente para conseguir emprego;

- Recentemente, aparecem indivíduos que dizem ter perdido tudo por causa da violência xenófoba na África do Sul. Por isso, precisam de apoio (de preferência algum dinheiro) para recomeçar a sua vida.

Estes exemplos demonstram haver grande engenhosidade na procura de soluções de sobrevivência individual de curto prazo. Esta engenhosidade reflecte-se não só no leque variado e evolutivo de opções, mas também na adequação dessas opções aos acontecimentos e condições sociais de momento (por exemplo, em relação com a xenofobia na África do Sul ou com o período das matrículas) e às condições sociais dos grupos alvo dos pedintes e aos momentos do dia (por exemplo, muitas das acções descritas ocorrem nas zonas mais abastadas da cidade com enfoque nos períodos críticos do dia).

Por outro lado, estes exemplos revelam pouca capacidade ou interesse, tanto das instituições públicas e sociais como dos próprios mendigos, de encontrarem soluções reais e duradouras para a eliminação da condição e necessidade de pedinte e, conseqüentemente, para a redução da pobreza. De facto, embora engenhosas, as formas de sobrevivência usadas incorporam o potencial para perpetuar a pobreza.

Inconscientemente, as estratégias usadas geram dependência permanente para as pessoas que as executam e seus familiares, dado que a engenhosidade é quase exclusivamente focada na procura de rendas sem envolver nenhum nível de engajamento com qualquer processo produtivo reproduzível e sustentável. O envolvimento de crianças como móbil da estratégia e outras como agentes coadjuvantes das acções faz com que

tais crianças abandonem a escola ou não consigam entender o poder que educação de qualidade pode ter nas suas vidas futuras. Pessoas de meia-idade ou portadores de deficiência já não vêm utilidade em procurar formação ou emprego porque ser mendigo é, aparentemente, mais compensador, portanto mais realista.

Dada a ausência de soluções públicas e sociais credíveis, abrangentes e eficazes, e dadas as dinâmicas económicas e sociais que envolvem maior concentração da riqueza e maior desigualdade social e económica, muitos pedintes não têm outra opção senão continuarem pedindo esmola.

Mesmo os jovens vendedores informais, de frutas a obras artística, de giros de telemóvel a sobressalentes de viaturas, de DVDs e CDs pirateados a produtos de marca (relógios, canetas, máquinas fotográficas, etc.) de fabrico informal e falseados, de flores a perfumes, todos pedem que se lhes comprem os produtos por compaixão ou, alternativamente e também por compaixão, se lhes dê uma esmola porque a sua actividade comercial não lhes rende o suficiente para uma refeição por dia. Esta situação é extensiva ao enorme exército de jovens guardas e lavadores de carros, entre outras actividades que, na cidade de Maputo, já começam a absorver jovens com o ensino secundário completo.

Estratégias individuais e colectivas

Estas formas de sobrevivência têm o potencial de se generalizarem e envolverem mais e mais pessoas em outras áreas da cidade de Maputo e do país, atrasando assim o combate à pobreza e tornando ainda mais sombrio o futuro de largas camadas da população urbana e peri-urbana, com incidência sobre os jovens e idosos.

Este problema não pode ser resolvido apenas por via da mudança das estratégias individuais de sobrevivência. Aliás, com que bases sociais e económicas poderão tais estratégias mudar? Mudar para fazer o quê, alternativamente? A migração do campo para a cidade à procura de alternativas de vida que não se encontram nas zonas rurais; os efeitos da prolongada guerra que ainda se fazem sentir na

grande quantidade de crianças e jovens que cresceram, desamparados, na rua; a inadequação dos sistemas públicos de protecção social e de educação e formação profissional; a concentração do emprego urbano em serviços que requerem qualificação para serem estáveis, ou que são muito mal remunerados e instáveis quando requerem baixa qualificação; as elevadas taxas de desemprego e subemprego urbanos; as elevadas percentagens de jovens e mulheres oriundos do centro e norte do País entre os vendedores informais, guardas e pedintes na cidade de Maputo; são evidência de que não basta apelar à, ou forçar a alteração das estratégias individuais de sobrevivência.

Será que estas estratégias individuais baseadas na miseração e vitimização como meio para justificar mendicância, ou na actividade informal, volátil e instável como meio de aceder a rendas mínimas abaixo dos níveis de sobrevivência, reflectem a ausência ou inadequação das estratégias sociais e públicas e, mesmo, a estratégia nacional de pedir e mendigar na arena internacional. Num certo sentido, grande parte da economia nacional ainda é pedinte e resolve, ou pensa que resolve, problemas a curto prazo mendigando. A questão de fundo é que a mendicância está muito longe de ser um problema marginal, está cada vez mais presente e cobre muitas práticas diferentes, algumas das quais estão escondidas atrás do chamado emprego informal urbano.

Muito mais informação e análise são necessárias tanto para compreender este fenómeno simultaneamente de sobrevivência e miseração, como para procurar caminhos dignos que combinem a criatividade e responsabilidade pública, social e individual para combater a pobreza, que libertem as pessoas da dependência e as valorizem como criadoras do seu próprio destino. Este artigo é apenas uma contribuição e chamada de atenção para uma reflexão mais profunda sobre esta dimensão da pobreza urbana.